

A CANOA DO PANTANAL, CORUMBÁ/MS, BRASIL: uso, importância e conhecimento pelos indígenas, europeus e comunidades tradicionais

José Luís dos Santos Peixoto*
Ariane Aparecida Carvalho de Arruda**

RESUMO: O objetivo deste estudo é compreender o uso, a importância e o conhecimento sobre a canoa monóxila do Pantanal pela comunidade local, pelos viajantes/imigrantes e pelos primeiros habitantes até os dias atuais. As fontes de informações são os dados fornecidos pelos manuscritos coloniais, entre os séculos XVII e XVIII; os estudos etnoarqueológicos sobre o processo de confecção da canoa pela comunidade pantaneira da Lagoa do Castelo, que mantém a tradição na fabricação e no seu uso; e os estudos etnohistóricos realizados sobre os grupos indígenas da região. Estes estudos revelaram que a canoa é um elemento preponderante nos conflitos étnicos, nas alianças, na mobilidade/dispersão espacial, nas relações de reciprocidade e na busca de recursos ambientais entre os distintos grupos étnicos.

PALAVRAS-CHAVE: Canoa; Identidade Cultural; Grupos Étnicos; Pantanal.

The Pantanal Canoe, Corumbá/MS, Brazil: use, importance and knowledge by indigenous people, Europeans and traditional communities

ABSTRACT: The aim of this study is to understand the use, importance and knowledge about the Pantanal monoxide canoe by the local community, by travelers / immigrants and by the first inhabitants to the present day. The sources of information are the data provided by the colonial manuscripts, between the seventeenth and eighteenth centuries; the ethnoarchaeological studies on the process of making the canoe by the Pantanal community of Lagoa do Castelo, which maintains the tradition in the manufacture and in its use; and ethnohistorical studies on indigenous groups in the region. These studies revealed that the canoe is a preponderant element in ethnic conflicts, alliances, spatial mobility / dispersion, reciprocal relations and the search for environmental resources among different ethnic groups.

KEYWORDS: Canoe; Cultural identity; Ethnic groups; Pantanal

La Canoa del Pantanal, Corumbá/MS, Brazil: uso, importancia y conocimiento por los indígenas, europeos y comunidades tradicionales

RESUMEN: El objetivo del estudio es comprender el uso, la importancia y el conocimiento sobre la canoa monóxila del Pantanal por la comunidad local, por los viajeros y por los primeros habitantes hasta los días actuales. Las fuentes de informaciones son los datos fornecidos por los manuscritos coloniales, entre los siglos XVII y XVIII; los estudios etnoarqueológicos sobre el proceso de confección de la canoa por la comunidad “pantaneira” del Lagoa do Castelo que mantiene la tradición en la fabricación y en su uso; y los estudios etnohistóricos realizados sobre los pueblos indígenas de la región. Eses estudios revelaran que la canoa es un elemento significativo en los conflictos étnicos, las alianzas, la movilidad/dispersión espacial, las relaciones de reciprocidad y la búsqueda de recursos ambientales entre los distintos pueblos étnicos.

PALABRAS-CLAVE: Canoa; Identidad Cultural; Pueblos Étnicos; Pantanal.

*Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e pós-doutor pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Atualmente é professor Titular aposentado do curso de História do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Contato: Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, CEP: 93022-750, São Leopoldo-RS, Brasil. E-mail: peixotopantanal@gmail.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8622-431X>

**Doutora em História Ibero-Americana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente dedica-se a pesquisas na área de História, com ênfase em História da América colonial, História do Brasil colonial, Etnohistória, História indígena e Arqueologia. Contato: Av. Ipiranga, 6681 - Partenon, CEP: 90619-900, Porto Alegre-RS, Brasil. E-mail: arianearruda86@gmail.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7501-4605>

A canoa monóxila do Pantanal, popularmente conhecida como “canoa de um pau só” é utilizada antes da chegada dos primeiros europeus na região, no século XVI, como um meio de transporte, de ligação, de relações, de reciprocidades e de mobilidade social. Ao longo da conquista e colonização europeia na região do espaço de fronteira entre o Pantanal (Brasil) e a Chiquitania (Bolívia), os grupos indígenas assumem novas funções e necessidades introduzidas pelo sistema colonial português e espanhol na Bacia do Prata. Com o avanço da sociedade europeia, novas relações sociais e culturais surgiram, fazendo com que os diferentes grupos étnicos utilizassem a canoa para outros fins, como a guerra, as relações comerciais com os europeus, os saques a embarcações portuguesas, a fuga e a mobilidade social transgredindo leis e negociando benefícios¹.

Neste contexto, vamos compreender o uso, a importância e o conhecimento sobre a canoa do Pantanal pela comunidade local, pelos viajantes/imigrantes e pelos primeiros habitantes até os dias atuais, a partir de fontes históricas (relatos de viajantes e manuscritos coloniais), etnoarqueológicas e etnohistóricas. A região de estudo compreende o Pantanal, que apresenta uma das maiores planícies de inundação do mundo, com rios, lagoas, canais fluviais e inúmeros habitats ocupados por uma diversidade de fauna e flora, com variedades aquáticas e terrestres². Na borda oeste do Pantanal, percorre o rio Paraguai, associado a um conjunto de lagoas e de canais fluviais, onde se apresenta como um eixo de exploração e de comunicação para os conquistadores europeus; para os grupos indígenas, o mesmo rio atua como um intrigado sistema de canais fluviais que possibilita a sua mobilidade e domínio territorial, através do uso da canoa monóxila³. Atualmente, essa região é amplamente explorada por comunidades ribeirinhas e pela atividade pecuária.

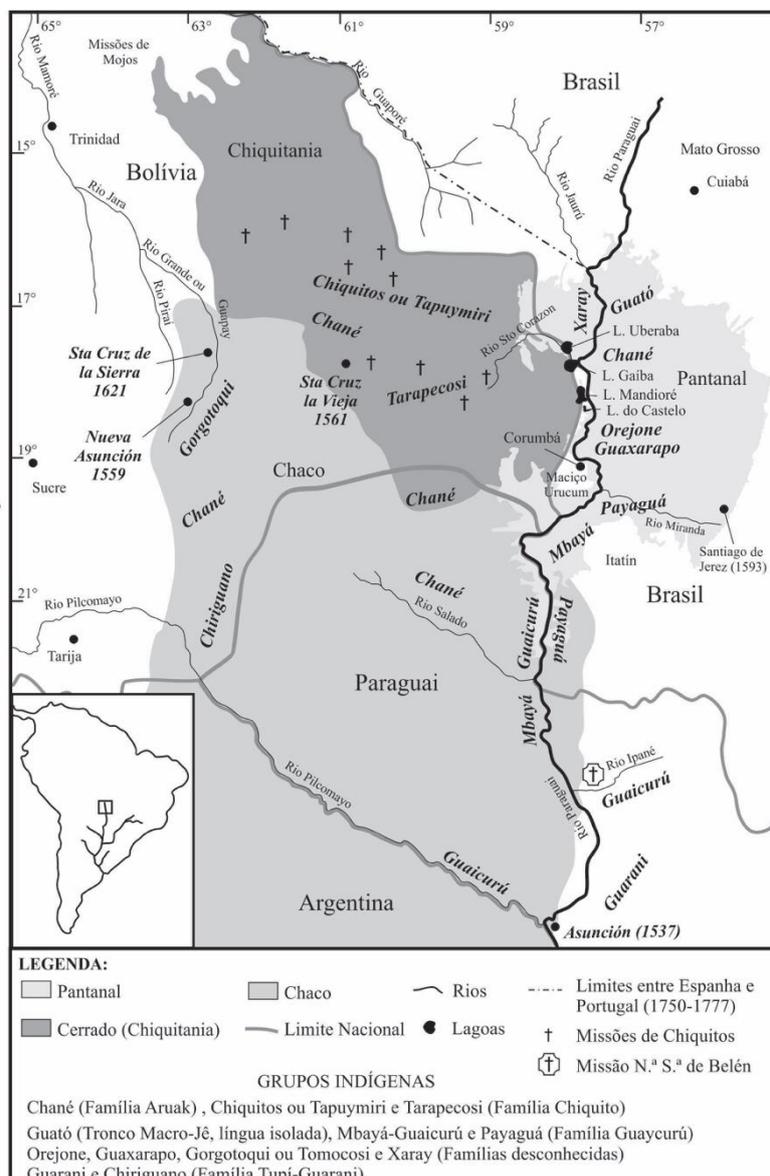
O Pantanal começou a ser explorado e registrado pelos europeus a partir de 1524, quando organizaram as primeiras expedições de colonização da região entre a borda oeste do Pantanal e a Chiquitania, localizada no atual Oriente Boliviano. Como afirma Krekeler⁴, na realidade, essa região “nunca fue la meta misma, sino sólo el territorio de la búsqueda de los diversos reinos fantásticos y los países de oro [la Sierra de la Plata, el Dorado, el Paytiti y el Gran Mojo]”⁵. A partir de 1560, com o estabelecimento da sociedade espanhola, estes espaços passaram a assegurar o avanço e os limites de fronteira com os domínios portugueses, na região de Mato Grosso, no Brasil⁶.

O português Alejo García partiu do litoral sul do Brasil, com o objetivo de chegar até as cordilheiras dos Andes, no Império Inca, em busca das fabulosas riquezas minerais. Fez os

primeiros contatos com os Guarani, que acompanharam sua expedição. Em seguida, chegaram outros conquistadores com a mesma intenção, como Sebastián Gabote e Diego García. Em 1535, a expedição de Pedro de Mendoza sai com o objetivo de explorar a região do Rio da Prata. Posteriormente, diversas outras partiram, levando ao conhecimento e colonizando as regiões dos rios da Prata, Paraná, Uruguai e Paraguai. Somente a partir de 1543 é que os espanhóis, como Alvar Núñez Cabeza de Vaca, Francisco de Rivera, Domingo Martínez de Irala, Nuflo de Chávez e Hernando de Salazar, iniciam a colonização da área de fronteira entre o Pantanal e a Chiquitania\Bolívia⁷. Os espanhóis fundam povoados, cidades, estâncias, portos, fortes e missões religiosas, e estabelecem *encomiendas*, ou seja, criam mecanismos do sistema colonial para suprir a falta de metais preciosos. Nesta região, a força da economia estava na agricultura e na pecuária. Assim, a partir da segunda metade do século XVIII, são instaladas as primeiras estâncias de criação de gados nos espaços de fronteira entre a Bolívia e o Brasil; ao passo que, no Pantanal, as fazendas são fundadas no século XIX⁸.

Além destes estabelecimentos, os europeus fundaram missões religiosas. Os missionários eram procedentes de vários territórios da Espanha, Itália, Alemanha, Áustria, Hungria, França e, também, aqueles que nasceram no Vice-Reinado do Peru. Entre 1692 e 1760, os jesuítas fundaram onze reduções na Chiquitania, a saber: San Francisco Javier (1692), San Rafael (1696), San José (1698), Concepción (1709), San Juan Bautista (1716), San Miguel (1721), San Ignacio de Zamucos (1724), San Ignacio (1748), Santiago (1754), Santa Ana (1755) e Santo Corazón de Jesús (1760). Nessas missões, os indígenas cultivavam diversos produtos para consumo interno e outros para exportação, como cana-de-açúcar, algodão, milho, arroz, limão, banana, batata e outros vegetais (Fig. 1). Além das missões de Chiquitos, também são instaladas as missões de Mojos, entre aproximadamente 1694 e 1744, como San Pedro (1697), San Nicolás (1704), San Joaquín (1709), Exaltación (1709), Santa Ana (1709), San Martín (1717), Magdalena (1720), Santa Rosa (1743) e San Simón (1744)⁹.

Figura 1: Área de ocupação dos grupos indígenas Chané, Chiquito, Gorgotoqui, Guarani, Chiriguano, Guató, Orejone, Guaxarapo, Payaguá, Mbayá-Guaicurú e Xaray, que se estabeleceram na região Chiquitana e ao longo do rio Paraguai, durante a expansão colonial, bem como a localização das missões jesuíticas de Chiquitos, na Bolívia, e da missão jesuítica instalada próximo ao rio Paraguai, *Nuestra Señora de Belén*¹⁰.



Fonte: Arruda (2011, p. 33).

Na região do Pantanal, as missões tiveram pouco êxito, sobretudo pelos constantes conflitos com os grupos indígenas — em especial, os Payaguá e os Mbayá-Guaycurú —, e também pelas dificuldades encontradas no próprio ecossistema, para estabelecer *pueblos*, subsistência, mobilidade e segurança. Apesar disso, em 1750, o missionário Sánchez Labrador funda, entre os Guaycurú e outros indígenas aliados, a redução de *Nuestra Señora*

de Belén, às margens do rio Ipané (Fig. 1), que durou pouco tempo devido aos conflitos internos entre os grupos indígenas¹¹. Ao longo do processo de conquista e de colonização, foram produzidos vários documentos escritos que possibilitaram inferir sobre a área de ocupação dos grupos indígenas Chané, Chiquito, Gorgotoqui, Guarani, Chiriguano, Guató, Orejone, Guaxarapo, Payaguá, Mbayá-Guaicurú e Xaray (Fig.1).

O Pantanal e a Chiquitania, antes de serem conquistados por espanhóis e portugueses, foram intensamente explorados por grupos indígenas estabelecidos na planície pantaneira e no cerrado Chiquitano. Estes dois sistemas ambientais apresentam uma interação ambiental que oferecem aos grupos uma biodiversidade para sua subsistência e uma diversidade étnica com constante interação cultural. Nestes espaços, não conseguimos evidenciar os limites somente como territórios políticos, mas espaços contínuos que apresentam várias possibilidades de mobilidade, assentamentos, busca de recursos ambientais e dispersão. Para Franco et al.,

a fronteira é um espaço para o qual os recém-chegados são atraídos tipicamente por expectativas fortes de apropriação de recursos naturais, vistos por eles como bens sem donos, prontamente disponíveis, e capazes de proporcionar enriquecimento rápido. Ainda que populações locais previamente residentes possam apoiar esse processo, e por vezes até se beneficiar dele, em geral elas são sobrepujadas ou deslocadas pelos forasteiros¹².

O Rio Paraguai e, sobretudo, a planície pantaneira com seus canais fluviais, ao longo da borda oeste do Pantanal, foram explorados por distintos grupos indígenas através do uso de “canoas de um pau só”. As canoas propiciavam não somente o deslocamento, mas sobretudo a mobilidade social vinculada à busca por subsistência, aliados, territórios, segurança, dispersão, transportes e táticas de guerra. Nos relatos escritos pelos europeus sobre as expedições, a partir do século XVI, podemos encontrar episódios que mostram a importância do uso da canoa, pois a planície pantaneira apresenta um intrincado sistema de canais fluviais, verdadeiros labirintos que possibilitaram o domínio e a exploração de um amplo território pelos grupos indígenas¹³.

Segundo Oliveira¹⁴, a canoa teve o papel importante e decisivo na mobilidade espacial dos grupos Guató, pois estava associada ao principal meio de transporte, tanto para deslocamento como para coleta do arroz nativo do Pantanal (*Oryza latifolia* Desv.). O autor¹⁵ sugere que a principal característica da canoa para os Guató “está intimamente associada ao etos cultural do grupo”. Além disso, na região do Pantanal, os grupos indígenas dispunham dos recursos proporcionados pelos rios, campos alagados e terrenos florestados, pois havia

extensas áreas de arroz nativo e lugares propícios para a coleta de frutos e para a caça. A coleta do arroz nativo ou selvagem estava associada às migrações fluviais, aos conflitos interétnicos e às trocas culturais empreendidas pelos grupos indígenas que ocupavam as margens do rio Paraguai e a Chiquitania¹⁶.

Etnohistória da canoa no Pantanal: uso e importância pelos indígenas durante a expansão colonial

O uso e a importância da canoa no Pantanal são constantemente registrados nos diários, relatos ou crônicas escritas pelos viajantes europeus que percorreram a região do Rio da Prata, Paraná, Uruguai e Paraguai. Estes relatos foram utilizados como registro que expressava veracidade, com a intenção de serem deixados à posteridade, ou seja, fontes de informação para os próximos conquistadores. Essas fontes destacam-se, especialmente, pelo olhar do observador e pelo testemunho de lugares e de pessoas à sua volta, a pontuação dos dias e o milagre de viver, conquistado, a cada dia, em territórios inóspitos e repletos de grupos indígenas prontos para defender seu grupo e seu território¹⁷.

Os discursos produzidos nestes registros e/ou relatos podem ser vistos como uma maneira específica de entender e de falar sobre o mundo, ou ainda sobre alguns aspectos culturais de um determinado grupo étnico, pois as práticas discursivas não são neutras ou reproduções idênticas deste mundo, dos grupos étnicos e/ou das relações sociais. O discurso tem papel ativo na observação empírica e no registro epistolar, com um grande poder de transformar ou destruir uma sociedade, ou, como diz Foucault¹⁸, cada enunciado tem sua própria linguagem, representa uma vestimenta particular e característica, escolhida dentro de suas relações paradigmáticas.

Dessa forma, as técnicas da Etnohistória auxiliam na análise e na interpretação dos dados encontrados nas fontes históricas (cartas, manuscritos, relatos e diários de expedição). Já a Etnoarqueologia nos oferece a possibilidade de conhecer pessoalmente o “Outro”, de conviver com ele, de fazer-lhe perguntas e de observar aspectos do comportamento sociocultural, a partir do olhar da própria comunidade/personagem. Para Ruibal¹⁹ conviver com a experiência do “Outro” possibilita-nos conhecer “su saber-hacer, sus conocimientos tecnológicos, su habilidad como ser social y simbólico en una sociedad diferente a la nuestra. En resumen, toda aquella experiencia que en el registro arqueológico ha quedado sepultada por la tierra y la distancia”.

Pensando assim, podemos observar a importância da canoa nos episódios encontrados nos relatos dos conquistadores, como nos diários dos viajantes e dos missionários europeus, quais sejam: Alvar Núñez Cabeza de Vaca, Ulrich Schmidel, Ruy Diaz de Guzman, Francisco de Ribera, Félix de Azara, Labrador e Fernández²⁰. É interessante ressaltar que, nestes diários e relatos, os diferentes grupos indígenas do Pantanal são descritos pelas características culturais que lhe foram atribuídas e identificadas pelos europeus, como o uso de vestimentas, adornos, tipo de assentamentos e ferramentas. O uso da canoa frequentemente está presente nas atividades de pesca, coleta, mobilidade, dispersão, táticas de guerra, transporte de pessoas e de mantimentos. Não encontramos informações sobre o processo de construção de uma canoa monóxila, tampouco as espécies de árvores escolhidas. Contudo, é possível termos uma ideia da importância da canoa na vida das populações ribeirinhas, desde o contato com a sociedade europeia até os dias atuais.

Durante a Expansão Colonial, a região da borda oeste do Pantanal estava ocupada pelos grupos indígenas Guaxarapó (ou Guachis, Guachicos), Guató, Payaguá, Orejone, Mbayá-Guaicurú, Xaraye, Guaná, entre outros (Fig. 1)²¹. As relações entre estes indígenas são, frequentemente, mencionadas nos relatos dos conquistadores europeus como instáveis, ou seja, em determinadas circunstâncias prevaleciam relações amistosas, em outras, conflituosas²². Cabeza de Vaca²³ relata que, entre os Mbayá-Guaicurú e os Payaguá, bem como entre os Guaxarapó e os Orejone, essas relações se davam de acordo com seus interesses imediatos, pois percorrem o rio Paraguai praticando guerras,

en canoas, y por la tierra, y todavía entre ellos tienen sus contrataciones, y los guaxarapos les dan canoas, y los payaguaes se las dan también, porque ellos les dan arcos y flechas cuantos han menester, y todas las otras cosas que ellos tienen de contratación; y así, en tiempos son amigos, y en otros tienen sus guerras y enemistades²⁴.

Nas fontes manuscritas de portuguesas e espanhóis, também notamos trechos e episódios sobre a importância da canoa para os grupos indígenas. O primeiro exemplo é um trecho extraído do documento II-36,20,7²⁵, que mostra a preocupação dos colonos espanhóis, das cidades de Asunción e Buenos Ayres, com relação aos indígenas “infieis”. Quando os espanhóis avistavam canoas, logo presumiam que poderiam ser os temíveis Payaguá. Ao navegar pelo rio Paraguai, próximo à missão de Nuestra Señora de Belén, os espanhóis se depararam com canoas dos “infieis” Payaguá (Fig. 1). Neste relato, o confronto não aconteceu, mas só a presença dos “infieis” causava transtornos entre os espanhóis:

Pero he aquí que aora empieza a hostilizar otro enemigo mas terrible por água a Sta Fee. Ahora tres años corrió cierto rumor que los Payaguás avian llegado hasta cerca de la Baxada, de que se asusto no poco la gente, de la otra vanda; pero con el tpo se desvanecio esta voz totalmente. Parece que el reselo de que sucediese hizo pronosticar lo que sucede, al presente, pues lo que entonces fue temor daño, ahora es realidad. [...]. La gente, y soldados de ella estaba a la sazón en tierra cuando descubrieron los Payaguá: sorprendidos del repentino pavor que les causó su vista, dudaban que harian, si quedarse en tierra y huir, ô entrarse a defender la embarcación. Al fin se resolvieron â embarcarse y viniendo los Payaguá, les dispararon tres tiros, con que se contuvieron, y pudieron ver los del Barco traian algunos vestidos de españoles, y uno su sombrero blanco de todo lo cual hazian ostentación²⁶.

Assim como para outros grupos indígenas da planície pantaneira, a canoa tornou-se um símbolo do *Ethos* guerreiro e agressivo dos Payaguá, que a utilizavam para fins de deslocamento, transporte de mercadorias, pesca e coleta de frutos e conflitos étnicos, contra grupos com os quais mantinham relações belicosas, como os Mbayá-Guaycurú, e, após a expansão colonial, nas investidas contra os portugueses das proximidades de Cuiabá²⁷. Já entre os grupos Mbayá-Guaycurú, Herberts²⁸ afirma que, no início da invasão europeia, estes grupos “utilizavam esporadicamente a canoa como meio de locomoção, mas com a adoção do cavalo [a partir do século XVIII] obtiveram grande mobilidade”, o que possibilitou aos grupos percorrer maiores distâncias, com maior rapidez e agilidade.

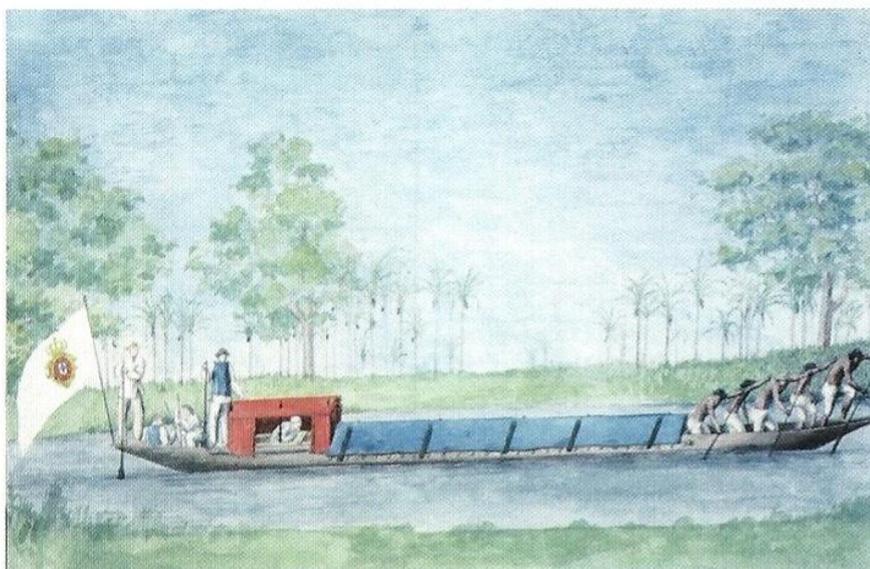
Outro exemplo de uso das canoas vemos nas *Cartas Anuas*²⁹ redigidas pelos missionários jesuítas, entre 1762 e 1764, em que os padres Agustín Castañares e José Chueca, com aproximadamente 400 indígenas cristãos da missão de Santo Corazón de Chiquitos, fizeram várias tentativas para chegar aos assentamentos dos Guaycurú, porém não conseguiram alcançá-los por três motivos: primeiro, porque os Chiquitos estavam a pé e carregados de mantimentos e os Guaycurú a cavalo; segundo, porque uma expedição foi realizada no mês de janeiro e o caminho estava inundado, o que deixou vários Chiquitos doentes e machucados, além disso, os missionários afirmam, em vários momentos das cartas, que os Chiquitos não são indígenas de águas e nem de canoas, dificultando as incursões em tempos de cheias; e terceiro, devido às constantes alianças dos Guaycurú com os Payaguá, assim podiam transitar de um lado ao outro do rio Paraguai, ficando os Chiquitos limitados a uma margem do rio. Como afirma Palozzi, “porque si los guaicurus ven que no pueden resistir, se pasarán a la otra banda del Rio Paraguai, ayudados de los payaguas así confederados, y en así retirándose los chiquitos a sus pueblos y en tiempo de las inundaciones en que éstos no pueden seguirlos”³⁰.

Esta reciprocidade entre os grupos “infieis”, constante nos relatos coloniais, pode ser entendida à luz do “parentesco que operaba como articulador de las relaciones entre los indios [...] configurando una dinámica que sobrepasaba las fronteras [...]”³¹. Concordamos com Boccara³² quando diz que, mesmo diante dessa visão negativa dos “infieis”, os espanhóis perceberam as particularidades na organização destes grupos, principalmente “a dispersão em relação ao seu padrão de assentamento e a guerra como a sua reação à presença europeia”. Nas *Cartas Anuas* e nos manuscritos redigidos pelas autoridades administrativas espanholas, evidenciamos frequentemente a mobilidade com que os “infieis” vinculavam os espaços de fronteira, negociando, praticando conflitos e alianças. Apesar das inúmeras tentativas tanto de missionários como de colonos espanhóis para localizar os assentamentos dos “infieis”, bem como para reduzi-los, estes grupos conheciam e manejavam com habilidade o território e seus aliados, como os Payaguá.

A vinculação entre os espaços pelos indígenas, no Pantanal, se dava através de canoas. A atuação dos indígenas Payaguá, a partir de 1723, estava restrita mais ao norte do rio Paraguai, entre a atual cidade de Corumbá/MS (19° de Latitude), a montante, até a confluência com os rios São Lourenço, Cuiabá e Alegre (17° 30' de Latitude). A circulação dos Guaycurú estava restrita mais ao sul, entre a cidade de Asunción, e a oeste, nas *tierras adentro*, entrando na região do Chaco Boliviano até as missões de Chiquitos, especialmente aquelas que estavam no espaço de fronteira Bolívia/Brasil, como Santo Corazón, San Juan, Santiago e San José de Chiquitos³³.

Sendo assim, ao pensarmos nas vinculações entre os espaços fronteiriços pelos indígenas “infieis”, encontramos uma clara distinção entre a documentação espanhola e a portuguesa: enquanto na documentação espanhola há extensas discussões sobre investidas de “infieis” Guaycurú nas missões, estâncias e cidades espanholas, localizadas na região da Chiquitania; nos informes produzidos pelos portugueses, no mesmo período, encontramos mais de 18 ataques (em canoas) pelos Payaguá nas monções que navegavam no rio Paraguai até a região de Mato Grosso, sendo o primeiro registrado em 1725 e o último, em 1786 (Fig. 2). Somente a partir de 1771 é que começamos a perceber preocupações nas documentações portuguesas com as investidas dos Guaycurú em suas ocupações.

Figura 2: Modelo de canoa utilizada por portugueses e outros viajantes que subiam o rio Paraguai até a região de Mato Grosso. Nos documentos portugueses, encontramos registros de, aproximadamente, 18 ataques pelos Payaguá em canoas, entre 1725 e 1786. “Prospecto das canoas em que navegaram os empregados na Viagem Filosófica pelos rios Cuiabá, São Lourenço, Paraguai e Jauru”. Museu Bocage.³⁴



Fonte: Amado e Anzai (2006, ilustração 15).

Entre os anos de 1825 e 1829, foi realizada a expedição do cônsul da Rússia, Barão de Langsdorff, pelas províncias de São Paulo, Mato Grosso e Pará. Estas viagens pelo interior do Brasil foram redigidas, em forma de diário, por Hércules Florence. Para Florence³⁵, a expedição chega em 14 de dezembro de 1826, pelo rio Paraguai, a cidade de Corumbá-MS. Nesta região, há relatos sobre o uso da canoa, pelos Guaná, em diversas atividades cotidianas e, eventualmente, mantendo o comércio de produtos agrícolas e de tecelagem com a cidade de Cuiabá (Fig. 3). A expedição segue a montante da cidade de Corumbá e mantém contato com os Guató, que estão estabelecidos na foz do rio São Lourenço com o rio Paraguai. De acordo com Florence³⁶, a vida aquática é predominante, sendo o domínio da construção da canoa um fator fundamental e de uso familiar, em que as dimensões das canoas Guató possuem, aproximadamente “[...] três palmos e meio de largo sobre 20 ou 25 de comprimento se tanto, levam sempre no bojo cães, arcos e flechas para caçadas e pescaria [...]” e o uso da canoa está presente nas atividades de subsistência, de deslocamento e de exploração do território (Fig. 4).

O uso da canoa é utilizado sistematicamente na sua subsistência por vários grupos que ocuparam a planície pantaneira. Vejamos um trecho relacionado ao uso da canoa na coleta de arroz nativo por Guató e Payaguá:

Nessas vastidões alagadas cresce em grande abundância o arroz-selvagem, cuja altura há de exceder de sete a oito pés, pois só fora d'água tem dois a três, sendo o terreno submerso em profundidade de cinco a seis. Quando os guatós, índios canoeiros, fazem a colheita, sacodem as espigas dentro de suas barquinhas e num instante as enchem até às bordas; [...] ³⁷.

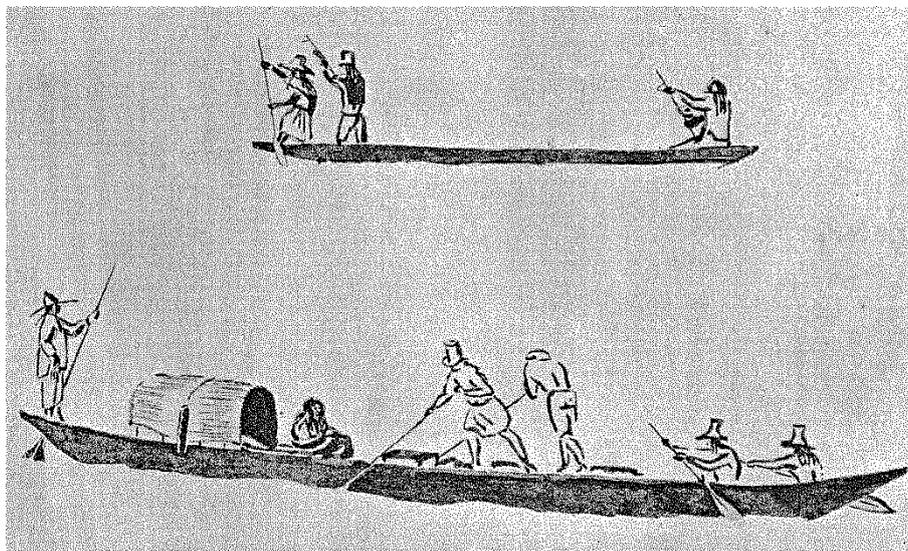
Á las orillas del río Paraguay, y em los anegadizos que dejan sus crescentes, nacen de suyo extendidísimos arrozales. El grano de este arroz silvestre al cual llaman los Guaycurús *Nacacodi*, ... Los infieles Payaguas y los Guachicos, que también son índios que usan canoas, disfrutan en más abundancia este apreciable grano. Entran em la sementeira ó plantío con sus canoas, sobre las cuales sacuden las espigas, recogen em pocas horas lo que quieren [...] ³⁸.

Na mesma região do rio São Lourenço, em outubro de 1900, Max Schmidt ³⁹ realizou uma expedição entre os Guató e percebe que o uso da canoa é indispensável e retrata de modo resumido a sua fabricação.

O objeto que mais importância tem para a vida dos guatós é a canoa (maní), feita de árvore, muito bem trabalhada. Enquanto a proa (eopíagá) termina em forma muito bicuda, sendo escavada até a extremidade, a popa é massiça e de tal maneira que há sempre uma pequena beirada saliente, utilizada para assento ⁴⁰.

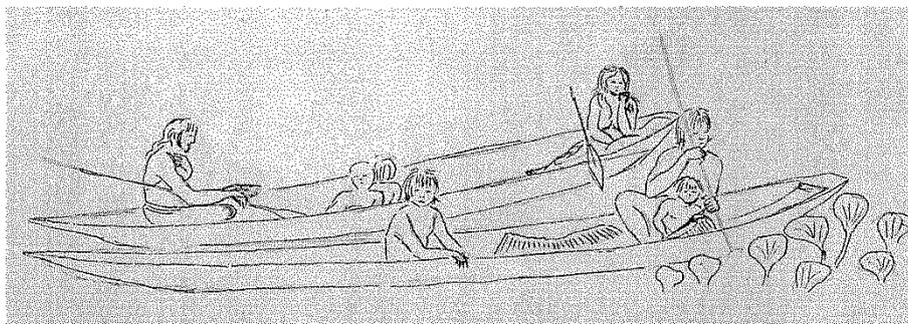
Passados mais de 100 anos das respectivas expedições, estudos realizados por Oliveira ⁴¹, no primeiro semestre de 2001, entre os Guató estabelecidos no rio São Lourenço, considera que a mobilidade espacial entre este grupo, evidentemente proporcionada pela canoa, é motivada por visitas a assentamentos estacionais, a caça para o comércio de peles, a compra de mercadorias em embarcações comerciais, a visita a parentes e amigos, a manutenção do próprio *Ethos* canoeiro e o controle e reconhecimento de determinados locais. Assim, a canoa proporciona uma grande mobilidade dentro do território, sendo um elemento importante na estrutura social dos Guató.

Figura 3: Modelo de canoa utilizada pelos Guaná no rio Paraguai, cidade de Corumbá-MS, registrada por Hércules Florence, em 14 de dezembro de 1826⁴².



Fonte: Florence, 2007 [1826], p. 93.

Figura 4: Modelo de canoa utilizada pelos Guató na foz do rio São Lourenço com o rio Paraguai, registrada por Hércules Florence, em 27 de dezembro de 1826⁴³.



Fonte: Florence, 2007 [1826], p. 111.

Com isso, podemos pensar numa maior mobilidade destes indígenas no território, deslocando-se em canoas monóxilas entre o extremo sul, desde a cidade de Asunción, até o extremo norte dos rio Paraguai e Jauru, em domínios portugueses. Do mesmo modo, podemos pensar em uma reciprocidade entre os “infiéis”, que se aliavam em momento de confrontos ou, ao menos, mantinham uma relação de cumplicidade no avanço de um grupo para saquear *pueblos*, estâncias e vilas europeias, conforme consta num documento sobre os limites de fronteira e ocupações portuguesas nessa região:

[os Guaycurús] cujas terras são as Margens ambas do dito Rio Paraguay quasi desde as vizinhanças dos Estabelecimentos Castelhanos da Assumpção à banda do Norte; sem que deva fazer embaraço distarem eles do lugar que vieram destruir mais de duzentas legoas/ isto não só porque eles se transportaram em canoas, segundo consta equipadas ao seu modo, [...]”⁴⁴.

Para David Weber⁴⁵, estes indígenas “bravos” ou “infiéis” tiveram um maior valor econômico e estratégico para o Império. Assim, “los indios que continuaban sin ser conquistados no eran simplemente indios. Los españoles los describían como indios bravos, indios bozales, indios infieles o gentiles e indios salvajes o indios bárbaros”. Os “infiéis” eram diferentes não apenas na língua e na cultura, mas, sobretudo, nas etapas de desenvolvimento da colonização, devendo ser combatidos e “seduzidos” pela vida europeia e cristã de acordo com as necessidades e perturbações momentâneas. Estes nomes eram como “etiquetas étnicas”, ou seja, apesar de os espanhóis conhecerem os nomes específicos de cada grupo, estas etiquetas “servían más para atribuirles una identidad que para describirlos”⁴⁶, e tinham como objetivo demonstrar, através destes términos ou categorias, aqueles grupos que viviam distantes dos limites da cristandade.

Acreditamos que, diferente do que os espanhóis pensavam e registravam em seus expedientes, os Chiquito não eram pusilânimes diante dos ataques dos Guaycurú, mas possuíam uma mobilidade espacial mais reduzida em relação às áreas circuladas pelos “infiéis”, bem como obedeciam, não as linhas de fronteira impostas pelos europeus, mas aos limites históricos estabelecidos entre os grupos indígenas. Limites estes que, além de serem colocados pelos índios, foram criados pelas próprias barreiras ambientais e culturais de cada grupo étnico em questão. Possivelmente, os Chiquito não eram grupos habituados a utilizar “canoas de um pau só” e, tampouco, conheciam e manejavam áreas de planície de inundação, como o bioma Pantanal; diferente dos Guaycurú e dos Payaguá, que manejavam com mais habilidade e destreza a canoa, bem como usavam cavalos em áreas de terra firme, como no Chaco e no Cerrado da Chiquitania⁴⁷.

Apesar de as categorias étnicas levarem em consideração as diferenças culturais, não devemos esquecer aquelas que os próprios grupos consideravam significantes. Diante disso, “as variações ecológicas não apenas marcam e exageram as diferenças; alguns traços culturais são utilizados pelos atores como sinais e emblemas de diferenças, outros são ignorados”⁴⁸. Se levarmos em conta as categorias étnicas impostas pelos europeus, daríamos lugar a um conceito de “cultura” que, há tempos, é desacreditado por estudos antropológicos e

históricos, pois eleva a “cultura como demarcação de diferenças” e legitima múltiplas desigualdades e racismos⁴⁹. Concordamos com Sahlins⁵⁰ quando sugere que, se pensarmos assim sobre grupos indígenas ou pessoas negras escravizadas, “seria uma forma de marcar hegemonicamente sua servidão”, pois “a diferença cultural não tem nenhum valor”:

Tudo depende de quem a está tematizando, em relação a que situação histórica mundial. Nas últimas décadas, vários povos do planeta têm contraposto conscientemente sua ‘cultura’ às forças do imperialismo ocidental que os vêm afligindo há tanto tempo. A cultura aparece aqui como a antítese de um projeto colonialista de estabilização, uma vez que os povos a utilizam não apenas para marcar sua identidade, como para retomar o controle do próprio destino. [...] ⁵¹.

Logo, o conhecimento e o respeito pelos limites humanos, ambientais e culturais eram compreendidos pelos indígenas com muito mais facilidade do que pelos espanhóis e pelos portugueses, que, com a intenção de castigar e reduzir grupos “infieis”, não percebiam que o problema não estava na “falta de coragem” ou “medo” dos cristãos, mas nas habilidades e conhecimentos culturais de cada grupo étnico em questão, dificultando assim a mobilidade e a vinculação entre os espaços de fronteira. Os “infieis” eram assimilados pelos europeus de acordo com suas ações e atividades desenvolvidas, não levando em conta uma série de atributos culturais.

É preciso ressaltar que, inicialmente, os portugueses também tiveram problemas de ataques repentinos em suas estâncias pelos “infieis” Guaycurú. Vejamos um exemplo, a partir de um ofício redigido pelo Governador e Capitão-General da capitania de Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, ao Secretário de Estado, Martinho de Melo e Castro, em que narra um episódio de confronto entre Guaycurú e portugueses, em 1775, em uma estância na confluência do rio Jauru. Os portugueses informam que avistaram cerca de 20 canoas com 200 indígenas subindo o rio Paraguai até a fazenda:

executaram ferosíssimo insulto de atacar ali perto huma fazenda de certo morador, a quem mataram e juntamente com elle a quinze pessoas mais das que tinha na sua companhia; e que não poderam defender-se d’hum acometimento tão precipitado⁵².

Posteriormente, discutem se foram mesmo os Guaycurú quem praticaram o ataque:

Ao principio se ignorava de qual qualidade de Nação fossem estes Indios, que pareceram demais alguma coragem e demais alguma indústria e civilização que resto imenso dos selvages, com que toda esta Capitania se acha rodeada, e de presente em bem consternação; pois que por todos os lados se experimentam cada dia invasões deles muy sanguinolentos; porem conjulgo que seriam sem duvidas Guaycurus, ou como também se chamam Cavaleiros⁵³.

A certeza para os portugueses de que eram os Guaycurú se dava não somente pelo uso da canoa, afinal poderiam confundir estes grupos com os Payaguá, mas porque usavam acessórios e diferentes peças ornamentadas de bronze e estanho, com miçangas variadas e roupas de lã, sendo que a maioria dos índios “infiéis” usavam roupas de algodão. E continua, “e não só isto, mas que he huma causa evidente, que eles se comunicam, e comerciam, conforme consta desde muito tempo por aqui, com os Espanhoes da dita terra da Asumpção; [...]”⁵⁴. O que está claro nestes relatos é a confusão que tanto espanhóis como portugueses faziam ao descrever ou tentar identificar os diferentes grupos indígenas “infiéis” do Pantanal, principalmente, durante um confronto. Pelas fontes históricas consultadas, as semelhanças socioculturais entre os grupos estão na prática de *correrías*, no comércio, na obtenção de cativos e nos conflitos com portugueses e espanhóis.

No episódio narrado, os portugueses tinham certeza de que se tratava dos “infiéis” Guaycurú, mas é possível conjecturar que fossem os Payaguá por vários motivos: pelo uso da canoa, pelo comércio com espanhóis de Asunción, pela aliança com estes espanhóis, pela pronúncia de palavras em castelhano, pelos danos ocasionados nas monções portuguesas ao longo do rio Paraguai, pelas mortes e estragos causados nas estâncias portuguesas e, enfim, pelas táticas usadas em um confronto. Todos estes motivos são relatados pelos próprios portugueses no referido documento. Então podemos pensar na possibilidade de aliança e reciprocidade entre os Payaguá e os Guaycurú durante conflitos com os europeus; se realmente os portugueses estavam enganados ao tentar identificar o grupo, ou se não se tratava do mesmo grupo étnico, mas com “parcialidades” diferentes. O fato é que, na planície pantaneira, os grupos indígenas utilizavam com habilidade a canoa monóxila, tanto para deslocamento e transporte, como em táticas de conflitos bélicos, dificultando a aproximação e a reação/punição pelos europeus.

Em outras regiões, como na Amazônia Peruana, estudos revelam que a canoa era uma parte importante na vida e na subsistência das comunidades Maijuna, principalmente, como meio de transporte, mobilidade e captação de recursos. Segundo Gilmore et al.⁵⁵, na comunidade Maijuna eram construídos e utilizados dois tipos de canoas, podendo ser feitas a partir de 27 espécies de árvores, mas que nos últimos 20 anos, com a escassez das espécies, o processo de construção da canoa tradicional Piragua mudou substancialmente, o que levou a transformações profundas na cultura tradicional de confecção da canoa. Ao contrário, no Pantanal, a fabricação e o uso da canoa parecem ser mantidos por algumas comunidades

tradicionais estabelecidas a montante da cidade de Corumbá até a região da Lagoa Uberaba (Fig. 1). Este comportamento foi possível ser observado ao longo das pesquisas arqueológicas de campo que realizamos na borda oeste do Pantanal desde 1990 até o presente. Entretanto, a última geração das comunidades pantaneiras está substituindo rapidamente a canoa monóxila por embarcações com motores de popa, provocando um desconhecimento na fabricação e uso da canoa. Como veremos adiante, sentimos a necessidade de registrar os processos de fabricação da canoa pela comunidade da lagoa do Castelo, Pantanal Sul-matogrossense.

Processo de fabricação da canoa monóxila

O estudo do processo de fabricação da canoa monóxila se deu através do acompanhamento das etapas de construção de duas canoas confeccionadas pelos artesãos e canoeiros Álvaro Candelário Brandão e Jorge Cândido dos Reis, pertencentes à comunidade da Lagoa do Castelo, no Pantanal sul-mato-grossense, e foi, complementado com observações do uso das canoas, ao longo do rio Paraguai, entre a cidade de Corumbá e a Lagoa da Uberaba, Mato Grosso do Sul (Fig. 1). O acompanhamento da construção da primeira canoa foi em fevereiro de 2003; e da segunda canoa, em setembro de 2006. A escolha da árvore está diretamente relacionada à sua espécie e com o perímetro do seu tronco, que deve ser maior que 200 cm, medido a partir de 120 cm de altura. Na maioria das vezes, a escolha da árvore está relacionada à observação realizada ao longo de décadas pelo próprio artesão ou por um integrante da comunidade, ou ainda, pelo modo oportunista, essa escolha se dá quando uma árvore é encontrada caída ao chão. Durante a pesquisa foi acompanhada a fabricação de duas canoas, a partir da seleção de uma árvore com observação de longo tempo e outra de modo oportunista.

A primeira árvore selecionada, em fevereiro de 2003, foi o Cambará (*Vochysia divergens*), que estava localizada na planície pantaneira e dentro da propriedade do artesão Álvaro, que sugere uma idade de 90 anos para a árvore. A respectiva árvore foi observada pelo artesão desde os dez anos de idade, pois na década de 1960, próximo a essa árvore, havia uma estrada utilizada pelos moradores que ligava a região do Rompe Saco (Lagoa do Castelo) com o rio Paraguai. A análise do disco de madeira do respectivo Cambará mostrou 84 camadas de crescimento⁵⁶. De acordo com Ishii⁵⁷, a inundação é o principal fator ambiental para regular o ritmo de crescimento dessa planta, e, sendo a inundação na região de natureza anual, podemos concluir que ela nasceu em 1919 e foi cortada em 2003, com idade de 84

anos. Entre os Guató do Pantanal, Oliveira⁵⁸ também constata que uma das espécies de árvores preferidas para a fabricação da canoa era o Cambará, por ser leve, mole e flutuante.

A segunda árvore selecionada, em setembro de 2006, foi a Taiúva ou Mora (*Maclura tinctoria*), localizada no morro Santo Antônio, região da Lagoa do Castelo, fora do alcance das cheias do rio Paraguai, durante a caminhada de rotina realizada pelo artesão, o qual identificou uma árvore caída ao chão. A árvore estava dentro da propriedade do Sr. Mário Cassar, que fez a doação para a fabricação da canoa. É importante esclarecer que as árvores com potencial de uso para a fabricação de canoa e que estão fora dos limites da propriedade dos artesãos, na maioria das vezes, são compradas do proprietário da terra.

Conforme a indicação dos artesãos, há inúmeras árvores que são utilizadas para a fabricação de canoa e que podem ser encontradas na planície pantaneira, nos morros e na região da Chiquitania. Na tabela 1, é possível consultar algumas árvores que estão no Pantanal e na Chiquitania, indicadas pelos artesãos conforme a facilidade na confecção e na durabilidade da canoa.

Tabela 1: Árvores utilizadas para fabricação da canoa, com suas respectivas propriedades e usos em anos.

Nome Comum	Nome Científico	Canoa
Angelim	<i>Vatairea macrocarpa</i>	Madeira macia, leve e com uso aproximado de 10 anos.
Bálsamo-do-Pantanal	<i>Pterogyne nitens</i>	Madeira dura e resistente, pesada e com uso aproximado entre 15 a 20 anos.
Cambará	<i>Vochysia divergens</i>	Madeira macia, leve e com uso aproximado de 8 anos.
Cedro ou Guanandi	<i>Calophyllum brasiliense</i>	Madeira macia, leve e com uso aproximado de 10 anos.
Gonçalo	<i>Astronium fraxinifolium</i>	Madeira dura e resistente, pesada e com uso aproximado entre 15 a 20 anos.
Guatambú	<i>Aspidosperma australe</i>	Madeira resistente, leve e com uso aproximado de 10.
Mandovi	<i>Sterculia apetala</i>	Madeira macia, leve e com uso aproximado de 4 anos.
Peroba-rosa	<i>Aspidosperma cylindrocarpon</i>	Madeira dura e resistente e com uso aproximado de 10.
Piúva-roxa	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	Madeira dura e resistente, pesada e com uso aproximado entre 15 a 20 anos.
Taiúva ou Mora	<i>Maclura tinctoria</i>	Madeira dura e resistente, pesada e com uso aproximado entre 15 a 20 anos.
Tarumã	<i>Vitex cymosa</i>	Madeira pesada e com uso aproximado de 4 anos.
Ximbuva	<i>Enterolobium contortisiliquum</i>	Madeira macia, muito leve e com uso aproximado de 2 anos.

Em tempos pré-históricos, os grupos indígenas deveriam realizar procedimentos semelhantes na identificação e na autorização do uso de determinada árvore. De acordo com as informações etnohistóricas, os primeiros contatos com os grupos indígenas do Pantanal, no início do século XVI, demonstram o uso sistemático da canoa na região do Pantanal. Evidentemente, o atual processo de fabricação da canoa monóxila utilizado pelos grupos indígenas e pelas comunidades tradicionais pantaneiras tem origem na ocupação indígena pré-história da região, que, ao longo de várias gerações, conserva o processo de fabricação e o uso da canoa, possivelmente, até o presente. Atualmente, a comunidade da Lagoa do Castelo define duas etapas no processo de fabricação da canoa, a saber: *tiração de machado* e *limpação de ferro fino*.

A Escolha da Árvore

A seleção da árvore para a fabricação da canoa está condicionada a vários fatores que envolvem as condições físicas do caule — comumente chamados de tronco —, que deve ter um perímetro maior que nove palmos, aproximadamente 225 cm. Ao longo de toda a fabricação da canoa, a medida utilizada é o palmo — que é a medida de comprimento adquirida a partir da abertura da mão, considerando o espaço entre o dedo polegar e o mínimo —, o qual, no nosso estudo, foi convencionado equivalente a 25 cm de comprimento, medida semelhante observada por Florence⁵⁹, entre os Guató da foz do rio São Lourenço com o rio Paraguai. O tronco é analisado para verificação de defeitos internos provocados por animais, e caso ocorra haja algum galho ao longo do tronco é necessário que a posição da boca da canoa seja voltada em direção ao galho. E, por último, verificar o acesso ao local e estabelecer uma estratégia para transportar a canoa até o recurso hídrico mais próximo. A escolha do dia do início dos trabalhos está diretamente relacionada às fases da lua, em que a Lua Minguante é a mais adequada para derrubada da árvore, pois o tronco não apodrece, tem maior resistência a pragas e a rachaduras.

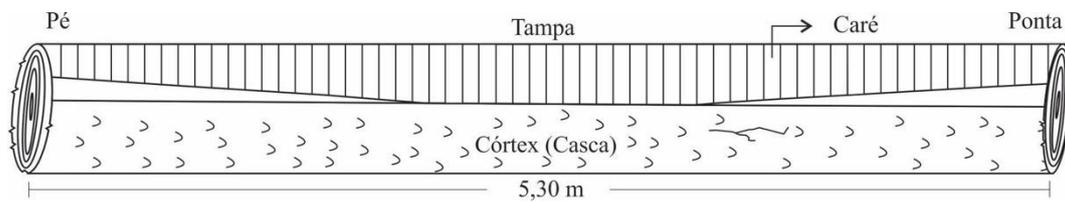
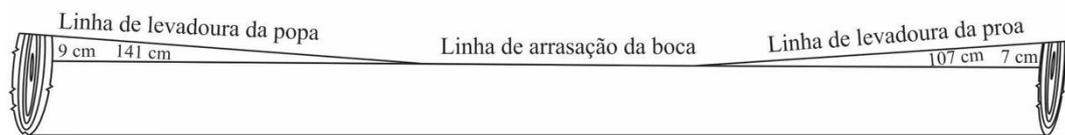
Após estas análises, o artesão toma a decisão de construir a canoa, na medida em que visualiza a canoa ainda com a árvore intacta. Antes da derrubada da árvore, o corte deve ser realizado na base do tronco, o mais próximo do terreno, onde é necessário fazer um corte em forma de cunha (Barriga) que transpassa a metade do tronco; posteriormente, retira-se a cunha, e é feito um corte reto até o vértice da cunha. Caso não seja feito este procedimento, o corte pode provocar uma rachadura ao longo do tronco, denominado estrondo, inviabilizando

a construção da canoa. Ao longo da fabricação da canoa, temos o processo de *tiração de machado*, executado no local da derrubada da árvore, e também o processo de *limpação de ferro fino*, executado no local mais próximo à casa do artesão.

Processo de Tiração de Machado

Após a derrubada da árvore, inicia-se a definição do tamanho da canoa, a partir da retirada das extremidades do tronco. A espessura do tronco está diretamente relacionada ao comprimento da canoa, ou seja, deve haver uma relação entre o comprimento e a largura da canoa. É importante colocar o tronco com a boca da canoa para cima, isto é, já na posição de flutuação. Este procedimento é executado com o auxílio de várias pessoas ou com uma junta de cavalos ou bois. Após colocar o tronco na posição adequada, são realizados os processos para a definição da *linha de arrasão de boca*, da *linha de levadoura de popa*, da *linha de levadoura de proa*, da *linha de afeição*, da *linha da arrasão do tabuão* e da *linha da bojação*. A seguir, apresentamos as sequências dos procedimentos na construção de uma canoa com 530 cm de comprimento:

1º) Alinhamento da Canoa: retira-se a casca (córtex) da árvore para iniciar o processo de alinhamento e determinar os limites da boca, do pé e da ponta da canoa. A boca da canoa é determinada com o auxílio de um nível de bolha ou nível de mangueira, o qual delimita a *linha de arrasão de boca*. É neste momento que é definida a profundidade da canoa, pois uma profundidade excessiva provoca desequilíbrio, mas é adequada para transporte de carga e de pessoas. Canoa com menor profundidade possui mais estabilidade e movimenta-se com maior rapidez, sendo ideal para uso no deslocamento na planície de inundação, nas atividades de pesca e de reconhecimento do território. Assim, antes da fabricação é importante determinar a função principal que será utilizada a canoa. A popa é determinada no pé, ou seja, na extremidade com maior espessura do tronco, a 9 cm acima da *linha de arrasão de boca*. A proa é determinada na ponta, na extremidade com menor espessura do tronco, a 7 cm acima da *linha de arrasão de boca* (Fig. 5 e 6). Para qualquer tamanho de canoa, geralmente, usa-se a medida de 9 cm para determinar a altura da popa e 7 cm para determinar a altura da proa. Entre a extremidade superior do tronco e a *linha de arrasão de boca* é denominada *tampa*. E sua retirada é feita através do fatiamento do tronco com machado ou motosserra, que cada fatia é denominada *caré*.

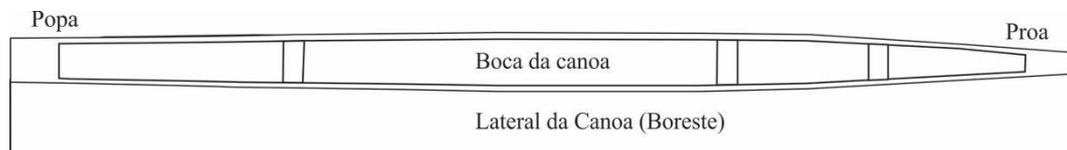
Figura 5: Alinhamento da canoa para definição da boca, da popa e da proa⁶⁰.**Figura 6:** Alinhamento da canoa para definição da linha de levadoura de popa, de arrasação de boca e de levadoura da proa.

2º) Linhas de afeiçoação da canoa: após a retirada dos *carés*, são determinadas as linhas que definem a forma da canoa. É importante que as linhas sejam definidas a partir do *cerne*, que é a porção mais escura e resistente do tronco e evitar a porção externa mais clara, menos resistente, denominada *alburno* pela Botânica. Primeiro, marca-se o meio da canoa através de uma linha entre a popa e a proa. Em seguida, delineiam-se a *linhas de popa* (largura 38 cm) e *de proa* (largura 20 cm), e determinam-se a posição do *banco de popa*, do *entrebanco* e do *banco de proa*. Observamos que, nas ilustrações dos viajantes e na própria declaração dos artesãos, as canoas indígenas não têm o *entrebanco*. Segundo, determina-se a marca do início do *furto* e do *furtinho*, que são as linhas que proporcionam a forma da popa e da proa. Após a definição das respectivas linhas, deve-se lavar o tronco até ser delineada a forma externa da canoa, com atenção nas *linhas de furto* e de *furtinho*, procedimento este denominado “afeiçoar a canoa”. Posteriormente, inicia-se o processo de cavoucar a boca da canoa, no qual a profundidade será definida de acordo com a largura da canoa. Em nosso exemplar de canoa, foram utilizados 24 cm de profundidade para o *banco de popa* e 22 cm de profundidade para o *entrebanco* e o *banco de proa* (Fig. 7 e 8).

Figura 7: Vista superior com a representação das linhas de afeição e da posição do banco de popa, do entrebanco e do banco de proa com suas respectivas medidas.



Figura 8: Vista lateral depois de realizados os procedimentos de afeição e cavoucar a boca da canoa.



3º) **Linhas de arrasamento do tabuão:** a canoa é colocada de bruços sobre dois roletes de madeira para delinear as *linhas do tabuão* e as *linhas de bojação*, o qual tem a finalidade de determinar a espessura e a largura o Tabuão. É necessário seguir os seguintes procedimentos:

- Determinar 3 dedos (5 cm) de espessura da frente da popa (testa da popa);
- Determinar 3 dedos (5 cm) de espessura da frente da proa (testa da proa);
- Com o uso do *arco de medida de profundidade* (arquinho), instrumento artesanal, que deve ser calibrado de acordo com a profundidade da canoa e mais 3 dedos (5 cm), realizam-se as medidas na posição do *banco de popa*, do meio da canoa e do *banco de proa*. O meio deve ter a profundidade de 1 cm maior, para evitar que a canoa fique com fundo chato. Em nossa canoa, o arco foi regulado com 30 cm de abertura, que correspondem a 22 cm de profundidade para o *banco de popa* e *entrebanco* e mais 5 cm para a espessura do tabuão. Posteriormente, é feita a retirada dos carés (Fig. 7).
- Determinar as *linhas de bojação* e a linha do tabuão com o uso do arco de medida de profundidade. A largura do tabuão utilizada na maioria dos casos é de 20 cm, sendo que valores menores provocam desequilíbrio na navegação (Fig. 8).

Figura 9: Determinação da linha de arrasação do tabuão com 25 cm de profundidade da canoa, a espessura do tabuão com 5 cm e a retirada dos carés.

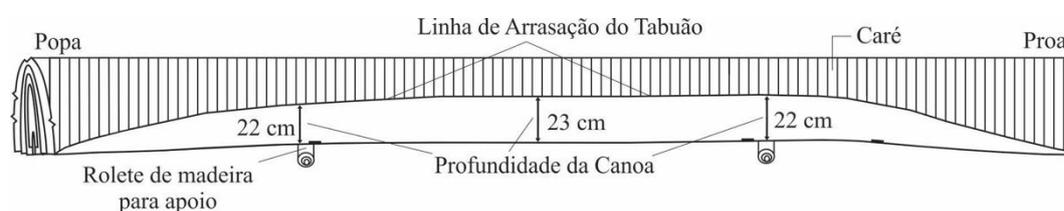
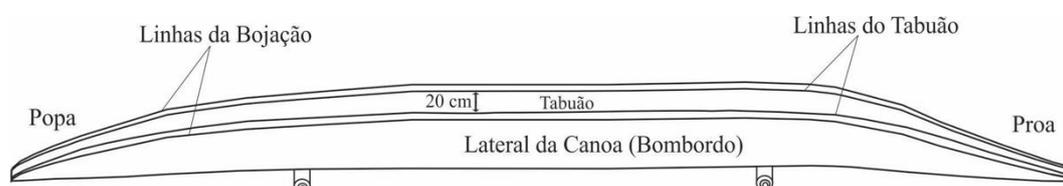


Figura 10: Canoa de bruço com o delineamento da linha de *arrasação do tabuão*, *linhas de bojação* e retirada dos carés.

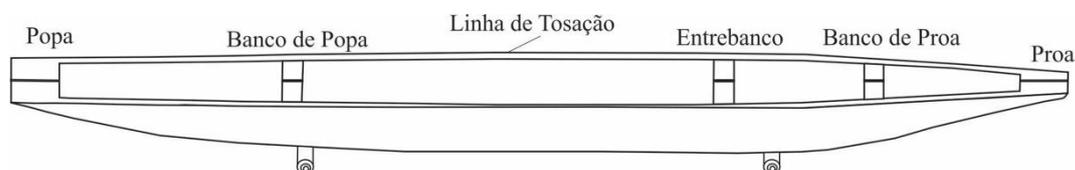


Após a sequência das etapas, a canoa está pronta para navegação e deve ser transportada para o local em que será realizado o processo de *limpação de ferro fino*; geralmente, o local escolhido é a própria casa do artesão.

Processo de Limpação de Ferro Fino

O acabamento da canoa é denominado *limpação de ferro fino*, que corresponde a procedimentos para retirada dos defeitos, pois, ao longo do processo de *tiração de machado*, a superfície da canoa apresenta uma série de cicatrizes provocadas pela ação do machado, do enxadão e do enxó. A seguir, apresentamos a sequência dos procedimentos para o acabamento da canoa:

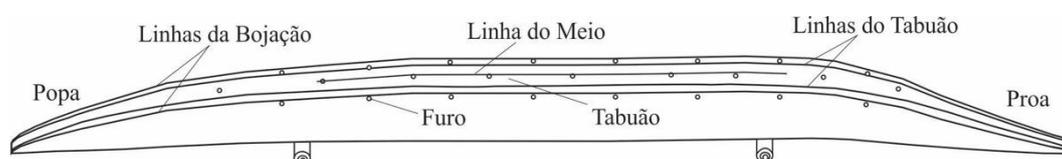
1º) *Linha de Tosação*: antes de iniciar a *tosação*, é necessário manter a canoa de boca para cima, colocar a popa e a proa no mesmo nível e delinear a *linha de tosação*, que é coincidente com a *linha de afeiçoação*. Este processo é realizado apenas para retirar os defeitos e tornar lisa a superfície externa da canoa, com a finalidade de facilitar a navegação, sobretudo, dentro da planície de inundação, onde há o predomínio de vegetação aquática. As ferramentas utilizadas neste processo é o machado e a plaina (Fig. 11).

Figura 11: Início do acabamento final com o delineamento da Linha de Tosação.

2º) Linhas de Tosação do Tabuão: os procedimentos nesta etapa são semelhantes aos realizados na definição da *linha de arrasação do tabuão*, ou seja, a canoa é colocada de bruço sobre dois roletes de madeira para delinear as *linhas do tabuão* (linha da esquerda, linha do centro e linha da direita), as *linhas de bojação* (linha de bombordo e linha de boreste), o qual tem a finalidade de alinhar e determinar a espessura da popa e da proa e a largura do tabuão, que deve ser igual ou maior que 20 cm, além de definir a linha do meio da canoa. Posteriormente, inicia-se um processo de retirada do excesso de madeira, alisando a superfície externa da canoa com uso de plaina e, eventualmente, com enxó de goiva. Após o acabamento da parte externa, é definida a espessura da canoa através de furos, com profundidade entre 1,5 cm e 2,5 cm, de acordo com o tamanho da canoa, efetuados com arco de pua e uma broca de 5\16` (7,94 mm). Os furos são distribuídos ao longo das *linhas da bojação*, do meio e do tabuão (Tab. 1 e Fig. 12).

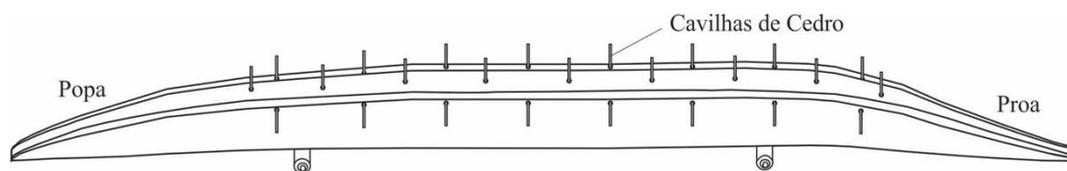
Tabela 2: Relação entre as medidas da canoa e a capacidade de transporte de passageiro.

Canoa	Comprimento (m)	Largura (m)	Espessura (m)	Passageiro (un)
Pequena	4,5 a 5	0,50 a 0,55	0,015	1
Média	5 a 5,5	0,70 a 0,75	0,020	2
Grande	6 a 7,0	0,75 a 0,80	0,025	4 a 5

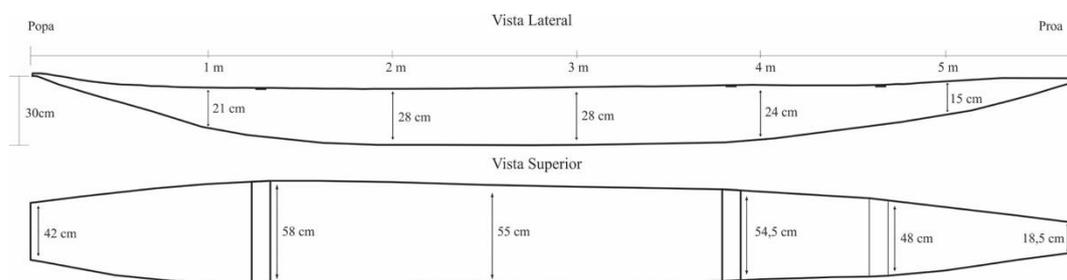
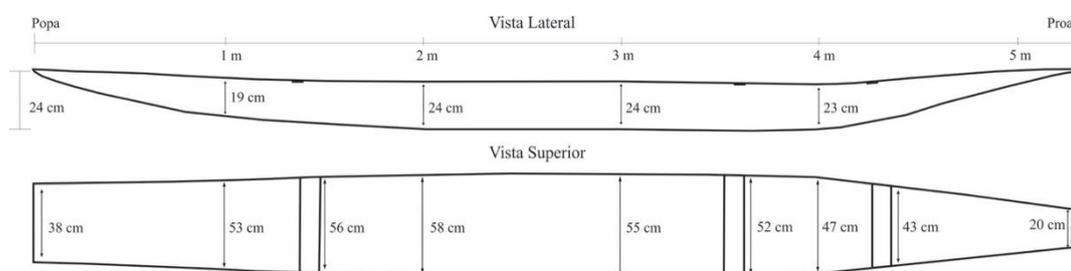
Figura 12: Canoa de braço para o delineamento das linhas de bojação, linha do meio e linhas do tabuão. A definição da espessura da canoa é feita através de furos realizados ao longo das respectivas linhas.

3º) Linha de Afeição: a canoa é colocada de boca para cima e, com o instrumento graminho, realizam-se marcações repetidas ao longo da borda, com espessura entre 1,5 cm e 2,5 cm, de acordo com o tamanho da canoa (Tab. 1). Assim, inicia-se um processo de acabamento da popa, proa, *banco de popa*, *entrebancos* e *banco de proa*. A espessura da canoa é definida quando da retirada do excesso de madeira das paredes internas até atingir os furos realizados ao longo da *linha de bojação*, da *linha do meio* e da *linha do tabuão*. Assim, a profundidade dos furos define a espessura do fundo da canoa, ao passo que a marcação com o graminho define a espessura da canoa a bombordo e a boreste. Terminado o processo de acabamento da superfície interna e externa, a canoa é colocada de bruços para fechar os buracos com cavilhas de Cedro, com formato cilíndrico-cônico. O uso do Cedro é recomendado, pois apresenta uma madeira macia, adequada para vedação. Caso a canoa apresente vazamento proveniente da ação de cupins, da abertura dos anéis de crescimento (saguá) ou da medula (âmago), é necessário fazer os reparos com o derretimento de cera da abelha Mandaguari (Fig. 13).

Figura 13: Canoa de bruço com a fixação das cavilhas de madeira de Cedro para vedação.



Considerando os processos de *tiração de machado* e de *ferro fino*, as canoas acompanhadas neste estudo levaram cinco dias para estarem prontas para a navegação; sua construção teve a participação direta de dois artesãos, com apoio de duas pessoas que, eventualmente, auxiliaram diretamente na construção e com o fornecimento de alimentação aos artesãos. Nas Figuras 14 e 15, apresentamos as dimensões finais da construção da canoa de Cambará e da canoa de Taiúva.

Figura 14: Canoa monóxila de tronco de Cambará pronta para a navegação com suas medidas finais.**Figura 15:** Canoa monóxila de tronco de Taiúva pronta para a navegação com suas medidas finais.

Considerações finais

O uso e a importância da canoa no Pantanal são, frequentemente, registrados nos diários, relatos ou crônicas escritas pelos viajantes europeus que percorreram a região do rio da Prata, Paraná, Uruguai e Paraguai. Estes relatos foram utilizados como registro que expressava “veracidade”, com a intenção de serem deixados à posteridade, ou seja, para os próximos navegadores europeus, contendo informações necessárias para conhecimento e novas tentativas de exploração. Neste contexto, a canoa monóxila ou “canoa de um pau só” do Pantanal é uma embarcação que possui função essencial na mobilidade e no transporte, mas, especialmente, um significado cultural e histórico, pois a vida na planície pantaneira se dá *através e a partir* do conhecimento, da construção e do uso da canoa pelos grupos indígenas, pelos conquistadores europeus e pelas comunidades tradicionais. Na atualidade, a fabricação e o uso da canoa estão num processo rápido de abandono pelos jovens, em razão de um conjunto de fatores, tais como o próprio contexto histórico, as necessidades, o desinteresse do poder público, a introdução do turismo de pesca e o uso constante de motor de popa e de rabeta (ambos abastecidos com gasolina).

Diante dos dados analisados, podemos concluir que era parte fundamental na vida dos habitantes de uma planície de inundação, como o Pantanal, saber construir e manejar com habilidade e destreza uma canoa monóxila, ou “canoa de um pau só”. O processo de construção da canoa é uma resposta às condições ambientais que impõem uma ação humana direta no ambiente, mas representa uma das características marcantes de sua identidade social. Assim, os indivíduos integram a paisagem numa dimensão de subjetividade emocional, cognitiva e sensorial de estar na paisagem e na dimensão ideológica, simbólica e religiosa representados pelos elementos físicos do ambiente. A paisagem proporciona recursos simbólicos constituídos de significados para a vida humana e a capacidade de controle e o acesso a determinados lugares são mecanismos fundamentais de domínio e de poder. O que percebemos é que, no Pantanal, as canoas propiciavam o deslocamento, o transporte e a locomoção, mas, sobretudo, a mobilidade social, pois os distintos grupos vinculavam os espaços praticando trocas culturais, alianças e conflitos étnicos.

Após a colonização europeia, a partir do século XVI, os grupos acabaram intensificando o seu uso, afinal novos personagens, comportamentos, demandas e necessidades surgiram. Logo, as canoas continuaram sendo usadas na busca por subsistência (pesca e coleta), aliados, territórios para assentamentos e, recursos naturais; além disso, também foram usadas na dispersão em fugas, nos saques e conflitos e nas táticas de guerra.

A “canoa de um pau só” é um patrimônio material com uma interação entre o meio ambiente e a história da presença humana no Pantanal, gerando uma identidade cultural da vida numa planície de inundação. O ato de confeccionar e utilizar a canoa, seja no passado ou no presente, ainda possui uma forte identidade étnico-cultural. O resgate histórico do uso e do registro do processo de construção possibilita a ligação entre o passado e o presente, colocando os grupos indígenas pré-históricos e, posteriormente, com os europeus, como protagonistas da história pantaneira.

Notas

¹ ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. *Cristãos e Infiéis nos espaços de fronteira, Chiquitania/Bolívia e Pantanal/Brasil: Conflitos, reciprocidade, mestiçagem e mobilidade social (1770 – 1800)*. 215 f. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, RS, 2015.

- PEIXOTO, José Luís dos Santos. *A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal Sul-mato-grossense*. Tese de Doutorado, História, Curso de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- ² NAVARRO, Gonzalo; MALDONADO, Mabel. *Geografía Ecológica de Bolívia: vegetación y ambientes acuáticos*. Cochabamba/Bolívia: Centro de Ecología Simón I. Patiño – Departamento de Difusión, 2006. 719 p.
- ³ PEIXOTO, José Luís dos Santos. *A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal Sul-mato-grossense*. Tese de Doutorado, História, Curso de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- ⁴ KREKELER, B. *Historia de los Chiquitanos: pueblos indígenas de las Tierras Bajas de Bolivia*. Tomo 2. Santa Cruz de la Sierra/Bolívia: APCOB, 1995, p. 58-59.
- ⁵ Idem, p. 58-59.
- ⁶ ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. *Condicionantes étnicos na criação das Missões de Chiquitos: alianças e conflitos na Chiquitania e no Pantanal (1609-1691)*. 148 f. Dissertação de Mestrado, História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, Porto Alegre, RS, 2011.
- ⁷ ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. *Cristãos e Infieis nos espaços de fronteira, Chiquitania/Bolívia e Pantanal/Brasil: Conflitos, reciprocidade, mestiçagem e mobilidade social (1770 – 1800)*. 215 f. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, RS, 2015, p. 14-15.
- ⁸ CHARUPÁ, R. T. *Francisco Burgés y las Misiones de Chiquitos*. El memorial de 1703 y documentos complementarios. Cochabamba/Bolívia: Editorial Verbo Divino, 2008.
- ESSELIN, P. M. *A Gênese de Corumbá*. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2000.
- ⁹ CHARUPÁ, R. T. *Francisco Burgés y las Misiones de Chiquitos*. El memorial de 1703 y documentos complementarios. Cochabamba/Bolívia: Editorial Verbo Divino, 2008.
- ¹⁰ ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. *Condicionantes étnicos na criação das Missões de Chiquitos: alianças e conflitos na Chiquitania e no Pantanal (1609-1691)*. 148 f. Dissertação de Mestrado, História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, Porto Alegre, RS, 2011.
- ¹¹ Idem, p. 83-127.
- ¹² FRANCO, J. L. de A.; DRUMMOND, J. A.; GENTILE, C.; AZEVEDO, A. I.; SANTANA, M. I. *Biodiversidade e ocupação humana do Pantanal Mato-grossense: conflitos e oportunidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.
- ¹³ PEIXOTO, José Luís dos Santos. *A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal Sul-mato-grossense*. Tese de Doutorado, História, Curso de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- ¹⁴ OLIVEIRA, Jorge Eremites de. *Os Argonautas Guató*. Dissertação de Mestrado, História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, RS., 1995.
- ¹⁵ Idem, p. 144.
- ¹⁶ ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. *Condicionantes étnicos na criação das Missões de Chiquitos: alianças e conflitos na Chiquitania e no Pantanal (1609-1691)*. 148 f. Dissertação de Mestrado, História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, Porto Alegre, RS, 2011, p. 49.
- ¹⁷ MATHIAS, Marcello Duarte. Autobiografias e diários. **Colóquio/Letras**, vol. 143-144, 1997, p. 47.
- ¹⁸ FOUCAULT, Michel de. *Arqueologia do saber*. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- ¹⁹ RUIBAL, A. G. *La experiencia del Otro*. Una introducción a la etnoarqueología. Madrid: Ediciones Akal, S. A, 2003.
- ²⁰ AZARA, Felix de. *Descripcion e Historia del Paraguay y del Río de la Plata*. Nota preliminar sobre Mitre y Azara por Julio César González. Buenos Aires: Editorial Bajel, 1943 [1847]. 383 p.
- CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. Comentarios. In: *Naufragios y Comentarios*. Edición de Roberto Ferrando. Madri-Espanha: Historia 16, 1984 [1555].
- FERNÁNDEZ, P. J. Patricio. *Relación Historial de las misiones de indios Chiquitos que en el Paraguay tienen los Padres de la Compañía de Jesús*. Asunción/Paraguay: Librería y Casa Editora de A. de Uribe y Compañía, 1896 [1726], vol. I. 282 p.
- GUZMAN, Ruy Diaz de. *Annales del descubrimiento, población y conquista del Rio de La Plata*. Asunción: Ricardo Rolón, 1980 [1612]. 308 p.
- LABRADOR, P. José Sánchez. *El Paraguay Católico*. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910 [1770], Tomo I. 317 p.
- RIBERA, Francisco de. Relación de Hernando de Ribera. In: GAIBROIS, Manuel Ballesteros (Org.). *Viajes y Viajeros. Viajes por America del Sur II*. Madrid/España: Aguilar S. A. de Ediciones, 1962 [1555]. p. 305-311

- SCHMÍDEL, Ulrich. *Viagem ao Rio de la Plata (1534-1554)*. Buenos Aires: Cabaut y Cía., Editores, 1903 [1567].
- ²¹ ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. *Condicionantes étnicos na criação das Missões de Chiquitos: alianças e conflitos na Chiquitania e no Pantanal (1609-1691)*. 148 f. Dissertação de Mestrado, História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, Porto Alegre, RS, 2011, p. 33.
- ²² SCHUCH, Maria Eunice J. *Xaray e Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto-Paraguai*. Dissertação de Mestrado, História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, RS, 1995.
- ²³ CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. Comentários. In: *Naufraios y Comentarios*. Edición de Roberto Ferrando. Madri-Espanha: Historia 16, 1984 [1555].
- ²⁴ Idem, p. 241.
- ²⁵ ANÔNIMO [1726-1727]. DOCUMENTO II-36, 20,7. Coleção de Manuscritos, 3º andar, Rio de Janeiro/RJ. FBN, 1726-1727, 37-48 e 81-82.
- ²⁶ Idem, p. 37-48.
- ²⁷ MAGALHÃES, M. L. *Payaguá: senhores do Rio Paraguai*. Dissertação de Mestrado, História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, RS, 1999.
- ²⁸ HERBERTS, Ana Lúcia. *Os Mbayá-Guaicurú: área, assentamento, subsistência e cultura material*. 262 f. Dissertação de Mestrado, História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, RS, 1998, p. 100.
- ²⁹ MATIENZO, J.; TOMICHÁ, R.; COMBÈS, I.; PAGE, C. *Chiquitos en las anuas de la Compañía de Jesús (1691-1767)*. Cochabamba/Bolívia: Instituto de Misionología/Itinerarios Editorial, 2011.
- ³⁰ Idem, p. 395-404.
- ³¹ WILDE, Guillardme. *Religión y poder en las misiones de guaraníes*. Buenos Aires/Argentina: SB, 2009, p. 147.
- ³² BOCCARA, Guillardme. *Poder colonial e etnicidade no Chile: territorialização e reestruturação entre os Mapuche da época colonial*. Revista Tempo, vol. 12 (23), 56-72, 2007, p. 56-72.
- ³³ ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. *Cristãos e Infiéis nos espaços de fronteira, Chiquitania/Bolívia e Pantanal/Brasil: Conflitos, reciprocidade, mestiçagem e mobilidade social (1770 – 1800)*. 215 f. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, RS, 2015, p. 41; 104-105.
- ³⁴ AMADO, J.; ANZAI, L. *Anais de Vila Bela 1734-1789*. Cuiabá/MT: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006, ilustração 15.
- ³⁵ FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007, p. 87-119.
- ³⁶ Idem, p. 103.
- ³⁷ Idem, p. 88.
- ³⁸ LABRADOR, P. J. S. *El Paraguay Católico*. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, Tomo I, 1910 [1770], p. 185.
- ³⁹ SCHMIDT, Max. *Estudos de etnologia brasileira. Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901; seus resultados etnológicos*. Tradução de Catharina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- ⁴⁰ Idem, p. 138.
- ⁴¹ OLIVEIRA, Jorge Eremites. Os argonautas no baixo São Lourenço. In: _____. *Da pré-história à história indígena: (re)pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal*. Tese de Doutorado, História, PUCRS, Porto Alegre/RS, 2002, p. 339-340.
- ⁴² FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007, p. 93.
- ⁴³ Idem, p. 111.
- ⁴⁴ PEREIRA E CÁCERES, L. de A. de M.; MELLO E CASTRO, M. 8/junho/1775. OFÍCIO do [Governador e Capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre um ataque de índios Guaicurú, que subiram o rio Paraguai e atacaram uma fazenda, onde mataram 16 pessoas. Dá notícia sobre essa nação indígena e remete uma placa de prata que trazia pendurada no pescoço o índio que foi morto. [8/06/1775]. Coleção Mato Grosso, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, Portugal. Villa Bella, 1-3. AHU_CU_010, Cx. 17, R. 16, D. 1102, p. 1-3.
- ⁴⁵ WEBER, David. J. *Bárbaros: los españoles y sus salvajes en la era de la ilustración*. 2º Edición. Traducción castellana de Alejandra Chaparro y Luis Noriega. Barcelona: Crítica, 2013.
- ⁴⁶ Idem, p. 31-35.

- ⁴⁷ ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. *Cristãos e Infieis nos espaços de fronteira, Chiquitania/Bolívia e Pantanal/Brasil: Conflitos, reciprocidade, mestiçagem e mobilidade social (1770 – 1800)*. 215 f. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, RS, 2015, p. 111.
- ⁴⁸ POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras* de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. 2. Ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011, p. 194.
- ⁴⁹ SAHLINS, Marshall. “O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção”. *Mana*, Rio de Janeiro, vol. 3 (1), 1997.
- ⁵⁰ Idem.
- ⁵¹ Idem.
- ⁵² PEREIRA E CÁCERES, L. de A. de M.; MELLO E CASTRO, M. 8/junho/1775. OFÍCIO do [Governador e Capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre um ataque de índios Guaicurú, que subiram o rio Paraguai e atacaram uma fazenda, onde mataram 16 pessoas. Dá notícia sobre essa nação indígena e remete uma placa de prata que trazia pendurada no pescoço o índio que foi morto. [8/06/1775]. Coleção Mato Grosso, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, Portugal. Villa Bella, 1-3. AHU_CU_010, Cx. 17, R. 16, D. 1102, p. 1.
- ⁵³ Idem, p. 1.
- ⁵⁴ Idem, p. 2-3.
- ⁵⁵ GILMORE, M. P.; ESHBAUGH, W. H.; GREENBERG, A. M. The use, construction, and importance of canoes among the Maijuna of the Peruvian Amazon. *Economic Botany*, 56 (1), 10-26, 2002, p. 10-26.
- ⁵⁶ ISHII, I. H. Parecer técnico referente à análise do disco de madeira de *Vochysia divergens* (Vochysiaceae) – Cambará. *Corumbá*: Laboratório de Botânica Dra. Graziela Maciel Barroso/CPAN/UFMS, 2014.
- ⁵⁷ Idem.
- ⁵⁸ OLIVEIRA, Jorge Eremites. *Guató: argonautas do Pantanal*. Porto Alegre – RS: EDIPUCRS, 1996.
- ⁵⁹ FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007, p. 103.
- ⁶⁰ Os desenhos técnicos do processo de fabricação da canoa foram realizados pelos autores e revisados pelos artesãos, ao longo das atividades de campo. Na arte final dos desenhos foi utilizado o programa CorelDraw.

Referências

AMADO, J.; ANZAI, L. *Anais de Vila Bela 1734-1789*. Cuiabá/MT: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.

ANÔNIMO [1726-1727]. DOCUMENTO II-36, 20,7. Coleção de Manuscritos, 3º andar, Rio de Janeiro/RJ. FBN, 1726-1727, 37-48 e 81-82.

ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. *Condicionantes étnicos na criação das Missões de Chiquitos: alianças e conflitos na Chiquitania e no Pantanal (1609-1691)*. 148 f. Dissertação de Mestrado, História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, Porto Alegre, RS, 2011.

ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. *Cristãos e Infieis nos espaços de fronteira, Chiquitania/Bolívia e Pantanal/Brasil: Conflitos, reciprocidade, mestiçagem e mobilidade social (1770 – 1800)*. 215 f. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, RS, 2015.

AZARA, Félix. *Descripcion e Historia del Paraguay y del Río de la Plata*. Nota preliminar sobre Mitre y Azara por Julio César González. Buenos Aires: Editorial Bajel, 1943 [1847].

BOCCARA, Guillaume. Poder colonial e etnicidade no Chile: territorialização e reestruturação entre os Mapuche da época colonial. *Revista Tempo*, vol. 12 (23), 56-72, 2007.

CABEZA DE VACA, A. N. Comentarios. In: *Naufragios y Comentarios*. Edición de Roberto Ferrando. Madri-Espanha: Historia 16, 1984 [1555].

CHARUPÁ, R. T. *Francisco Burgés y las Misiones de Chiquitos*. El memorial de 1703 y documentos complementarios. Cochabamba/Bolivia: Editorial Verbo Divino, 2008.

ESSELIN, P. M. *A Gênese de Corumbá*. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2000.

FERNÁNDEZ, P. J. *Relación Historial de las misiones de indios Chiquitos que en el Paraguay tienen los Padres de la Compañía de Jesús*. Asunción/Paraguay: Librería y Casa Editora de A. de Uribe y Compañía, vol. 1, 1896 [1726].

FLORENCE, H. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FRANCO, J. L. de A.; DRUMMOND, J. A.; GENTILE, C.; AZEVEDO, A. I.; SANTANA, M. I. *Biodiversidade e ocupação humana do Pantanal Mato-grossense: conflitos e oportunidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

GILMORE, M. P.; ESHBAUGH, W. H.; GREENBERG, A. M. The use, construction, and importance of canoes among the Maijuna of the Peruvian Amazon. *Economic Botany*, 56 (1), 10-26, 2002.

GUZMAN, R. D. *Annales del descubrimiento, población y conquista del Río de La Plata*. Asunción: Ricardo Rolón, 1980 [1612].

HERBERTS, A. L. *Os Mbayá-Guaicurú: área, assentamento, subsistência e cultura material*. 262 f. Dissertação de Mestrado, História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, RS, 1998.

ISHII, I. H. Parecer técnico referente à análise do disco de madeira de *Vochysia divergens* (Vochysiaceae) – Cambará. *Corumbá*: Laboratório de Botânica Dra. Graziela Maciel Barroso/CPAN/UFMS, 2014.

KREKELER, B. *Historia de los Chiquitanos: pueblos indígenas de las Tierras Bajas de Bolivia*. Tomo 2. Santa Cruz de la Sierra/Bolivia: APCOB, 1995.

LABRADOR, P. J. S. *El Paraguay Católico*. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, Tomo I, 1910 [1770].

MAGALHÃES, M. L. *Payaguá: senhores do Rio Paraguai*. Dissertação de Mestrado, História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, RS, 1999.

MATHIAS, Marcello Duarte. Autobiografias e diários. *Colóquio/Letras*, vol. 143-144, 1997, p. 47.

MATIENZO, J.; TOMICHÁ, R.; COMBÈS, I.; PAGE, C. *Chiquitos en las anuas de la Compañía de Jesús (1691-1767)*. Cochabamba/Bolívia: Instituto de Misionología/Itinerarios Editorial, 2011.

NAVARRO, Gonzalo; MALDONADO, Mabel. *Geografía Ecológica de Bolívia: vegetación y ambientes acuáticos*. Cochabamba/Bolívia: Centro de Ecología Simón I. Patiño – Departamento de Difusión, 2006. 719 p.

OLIVEIRA, Jorge Eremites. *Guató: argonautas do Pantanal*. Porto Alegre – RS: EDIPUCRS, 1996.

OLIVEIRA, Jorge Eremites. *Os Argonautas Guató*. Dissertação de Mestrado, História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, RS, 1995.

OLIVEIRA, Jorge Eremites. Os argonautas no baixo São Lourenço. In: _____. *Da pré-história à história indígena: (re)pensando a arqueologia e os povos canoeiros do Pantanal*. Tese de Doutorado, História, PUCRS, Porto Alegre/RS, 331-371, 2002.

PEIXOTO, José Luís dos Santos. *A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal Sul-mato-grossense*. Tese de Doutorado, História, Curso de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PEREIRA E CÁCERES, L. de A. de M.; MELLO E CASTRO, M. 8/junho/1775. OFÍCIO do [Governador e Capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre um ataque de índios Guaicurú, que subiram o rio Paraguai e atacaram uma fazenda, onde mataram 16 pessoas. Dá notícia sobre essa nação indígena e remete uma placa de prata que trazia pendurada no pescoço o índio que foi morto. [8/06/1775]. Coleção Mato Grosso, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, Portugal. Villa Bella, 1-3. AHU_CU_010, Cx. 17, R. 16, D. 1102.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução de Elcio Fernandes. 2. Ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

RIBERA, F. Relación de Hernando de Ribera. In: GAIBROIS, Manuel Ballesteros (Org.). *Viajes y Viajeros. Viajes por America del Sur II*. Madrid/España: Aguilar S. A. de Ediciones, 305-311, 1962 [1555].

RUIBAL, A. G. *La experiencia del Otro. Una introducción a la etnoarqueología*. Madrid: Ediciones Akal, S. A., 2003.

SAHLINS, M. “O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção”. *Mana*, Rio de Janeiro, vol. 3 (1), 1997.

SCHMÍDEL, Ulrich. *Viaje ao Río de la Plata (1534-1554)*. Buenos Aires: Cabaut y Cía., Editores, 1903 [1567].

SCHMIDT, Max. *Estudos de etnologia brasileira. Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901; seus resultados etnológicos*. Tradução de Catharina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

SCHUCH, M. E. J. *Xaray e Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto-Paraguai*. Dissertação de Mestrado, História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, RS, 1995.

WEBER, D. J. *Bárbaros: los españoles y sus salvajes en la era de la ilustración*. 2º Edición. Traducción castellana de Alejandra Chaparro y Luis Noriega. Barcelona: Crítica, 2013.

WILDE, G. *Religión y poder en las misiones de guaraníes*. Buenos Aires/Argentina: SB, 2009.